

CHEGAR, PREGAR: DOIS DIFERENTES PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

Carmen Maria FAGGION
Universidade de Caxias do Sul
cmfaggio@ucs.br

Resumo: *Chegar* e *pregar* derivam ambos do verbo latino *plicare*¹ ('dobrar') e sofreram diferentes processos de gramaticalização. Isso significa que alterações fonético-fonológicas associaram-se a alterações de significado, determinando novos sentidos e enriquecendo a língua. Fazendo parte de um estudo mais amplo sobre a história do verbo *chegar*, e o desenvolvimento de seus significados dentro da língua, este trabalho tem por objetivo descrever os processos de gramaticalização ocorridos com os dois verbos, *chegar* e *pregar*, e os novos significados desenvolvidos, bem como as novas configurações sintáticas de que passam a fazer parte, a partir desses novos significados. Com base na noção de gramaticalização, na Semântica Lexical e no estudo dos metaplasmos, pretende-se averiguar algumas hipóteses. Como instrumentos de análise, dicionários da língua portuguesa, dicionários da língua latina e dicionários etimológicos das duas línguas. Exemplos serão colhidos em textos. Este trabalho constitui registro de momentos iniciais da pesquisa mais ampla de que ele faz parte.

Palavras-chave: gramática histórica; gramaticalização; criação de significados; verbos *chegar* e *pregar*.

1. Introdução

Fazendo parte de um estudo mais amplo sobre a história do verbo *chegar*, e o desenvolvimento de seus significados dentro da língua, este trabalho tem por objetivo descrever os processos de gramaticalização ocorridos com esse verbo e também com *pregar*, que provém da mesma origem, e os novos sentidos desenvolvidos.

Com base na noção de gramaticalização, na Semântica Lexical e no estudo dos metaplasmos, pretende-se averiguar algumas hipóteses.

Com relação ao verbo *chegar*, as hipóteses que assumimos são que os novos significados de *chegar* desenvolveram-se, inicialmente, do lugar concreto para o lugar abstrato (e.g. *chegar ao porto*, concreto > *chegar ao delírio*, abstrato). *Chegar* admite muitos adjuntos, e o mais antigo, o locativo, pode ser considerado complemento (e.g. *cheguei a/em Porto Alegre; aqui; na escola*), visto que a frase não se constrói sem ele, no sentido de que é essencial à compreensão discursiva da frase. Mesmo estando implícito, o locativo complementa o verbo. Os outros adjuntos são opcionais, no sentido de que aparecem em algumas frases e não em outras². Por exemplo, *Cheguei aqui (cedo/tarde; rapidamente; apesar do trânsito; etc.)*. *Chegar*, além disso, desenvolveu

¹ O 'i' breve latino deveria ser transcrito com um sinal de vogal breve sobre ele, uma meia-lua tangencial. Para evitar problemas de transcrição, usarei um simples 'i', desprovido de sinais.

² Utilizo os termos *adjunto* e *complemento* no mesmo sentido empregado por Luft (2000), Othero (2009) e Raposo (1992).

sentidos metonímicos e também metafóricos. Novos sentidos permitiram/exigiram novas construções sintáticas.

Quanto a pregar, com menos alterações fonológicas, teve menos alterações de sentido e menos configurações sintáticas (não confundi-lo com seu homônimo, que proveio de *praedicare*).

Como instrumentos de análise, são utilizados dicionários da língua portuguesa, dicionários da língua latina e dicionários etimológicos das duas línguas.

Este artigo apresenta inicialmente alguns dados sobre a origem dos dois verbos, em seguida apresenta brevemente a noção de gramaticalização, para logo após apresentar alterações na forma das palavras. A seguir, há menções sobre aspectos a serem futuramente seguidos no estudo do significado dos dois verbos. Por último, algumas reflexões.

2. Origem

Tanto o verbo *chegar* quanto o verbo *pregar* formaram-se a partir do verbo latino *plicare* ('dobrar'). O verbo latino era produtivo: criaram-se também no latim *applicare* (com o sentido próprio, isto é, original, de 'aportar', 'aproximar-se', 'dirigir-se para'), *explicare* ('desenrolar', 'desenvolver', 'desdobrar', 'estender'), *implicare* ('enlaçar', 'entrelaçar', 'enrolar', 'enroscar'), *replicare* ('dobrar para trás', 'recurvar', 'desviar')³. Como se pode verificar, a partir dos sentidos próprios, desenvolveram-se sentidos figurados; e esses verbos continuam sendo usados até hoje em português. Como seus significados são mais abstratos, assumem feição de palavras eruditas e são mais próximas da palavra latina que lhes deu origem⁴.

Chegar tinha originalmente uso náutico⁵: os marinheiros dobravam as velas ao atingir a margem, ou o porto; depois, por metonímia, passou a designar o próprio ato de 'atingir determinado ponto'. As alterações de significado foram acompanhadas por alterações fonológicas e por novas construções sintáticas.

Pregar veio de um sentido estendido de *plicare* ('cravar')⁶, donde derivam as formas *prego*, *pregado*. De *plica* proveio o substantivo português *prega* ('dobra feita em tecido'), donde a seu tempo originaram-se *preguear*, *pregueado*⁷.

Há um homônimo, em português. Nosso outro verbo *pregar* ('dizer', 'propagar', 'aconselhar') provém do latim *praedicare* ('proclamar', 'publicar') e não será levado em consideração neste estudo.

3. Gramaticalização⁸

Segundo Castilho (1997 a, p. 26), fundamentando-se em obra de Traugott de 1988,

³ A menos que haja indicação diferente, todos os significados latinos são auferidos em Faria, 1975, no verbete correspondente.

⁴ A noção de palavras populares e eruditas é explicitada, entre outros, por Coutinho (1971).

⁵ V. Cunha, 1991, no verbete correspondente.

⁶ V. Cunha, 1991, e também Faria, 1975, e Saraiva, 1993.

⁷ A menos que haja indicação diferente, as origens etimológicas são investigadas em Cunha, 1991, no verbete correspondente.

⁸ As presentes considerações sobre gramaticalização retomam Faggion (2008).

a gramaticalização é o estudo de mudanças lingüísticas situadas no continuum que se estabelece entre unidades independentes, localizadas em construções menos ligadas, e unidades dependentes tais como clíticos, partículas, auxiliares, construções aglutinativas e flexões.

Precisando o uso dos termos 'gramaticização' (fenômeno de transição entre categorias, apanhadas em seu processo no plano sincrônico) e 'gramaticalização' (produto final que resulta da gramaticização, no plano diacrônico), Castilho (1997 a, p. 27) opta por utilizar somente este último, confirmando uma tendência de uso na Linguística contemporânea.

Castilho faz a seguir elucidativas resenhas sobre três vertentes que deram origem ao debate sobre gramaticalização na Linguística contemporânea: a da tipologia, a da mudança lingüística e a da observação do dinamismo da sintaxe na língua falada. A nós interessa particularmente a questão da mudança. Quanto a ela, Castilho cita Meillet (referindo-se a um estudo de 1912). Este último propõe a existência de três classes de palavras: principais, acessórias, gramaticais. Meillet assinala (*apud* Castilho 1997 a, p. 28) que entre elas há uma transição gradual. Meillet chama transição a esse processo de gramaticalização; gramaticalização é pois a "*atribuição de uma caráter gramatical a um termo outrora autônomo*" (Meillet 1912, p. 131, citado por Castilho 1997 a, p. 28). Ao gramaticalizar-se, o item lexical perde substância semântica (num processo que tem sido chamado de *bleaching* ou *fading*, com idéia de 'desbotamento') e também perde substância fonológica.

É importante assinalar ainda que Castilho demonstra que sincronia e diacronia se entrecruzam, nas pesquisas sobre gramaticalização, mencionando que os autores vinham operando com dois módulos lingüísticos, o léxico e a gramática, aos quais Givón acrescentou o discurso.

Em suma, podemos dizer que Castilho vê a gramaticalização como um trajeto que um item lexical segue rumo à recategorização (Cf. Castilho, 1997 a, p. 31). Distinguem-se neste processo algumas fases ou estágios, que Castilho dispõe da seguinte maneira: (i) **sintaticização**, em que se verificam as recategorizações (uma classe de palavra *x* passa a uma classe de palavra *y*, como ocorre, por exemplo, com a expressão *a gente*, que de substantivo passou a ser usada como pronome de primeira pessoa do plural, isto é, trata-se de uma aquisição de novas propriedades) e as categorizações funcionais (categorias sintagmáticas recebem propriedades argumentais e de adjunção na sentença; é aqui que se insere, por exemplo, a questão de como a construção tópico/comentário vem aparecendo com frequência em lugar da pura construção sujeito/predicado); (ii) **morfologização** (criação de formas presas, onde se verifica a criação de afixos flexionais, tanto verbais como nominais, e a criação de afixos derivacionais, dos quais um exemplo é o do sufixo *mente*, em latim um substantivo feminino que significava *modo, maneira*); (iii) **redução fonológica** (formas livres fundem-se com outras formas livres, transformando-se em formas presas, como na evolução de *habeo* para o ditongo *ei*, no futuro verbal em português); o autor apresenta ainda (iv) o **estágio zero**, que anula o termo obtido e reinstaura todo o processo; e (v) as **alterações semânticas**, que ocorrem durante todo o processo, e que se caracterizam por mudanças na carga semântica das palavras, perceptíveis através de relações de metáfora e metonímia entre seus diferentes pontos focais. Pontos focais são momentos não-discretos, identificáveis no *continuum* criado pelos estágios de gramaticalização. Vamos transcrever uma das observações de Castilho, por sua adequação ao nosso assunto: "*Os itens em processo de gramaticalização são polissêmicos, apresentando diversas acepções relacionadas umas com as outras*"

(Castilho 1997 a, p. 48). Se o verbo *chegar* sofreu um processo de gramaticalização, um dos sinais disso é seu aspecto polissêmico e as múltiplas acepções que ele possui – que são, na verdade, diferentes procedimentos de ganho e perda (ou *fading*, desbotamento) de sentidos.

Cabe considerar ainda que, vistas à luz da gramaticalização, certas variantes correntes na língua podem indicar assunção de novas funções. Esse é o caso de *se* em 'tu se machucou' e 'nós se cansamos', em que o pronome átono parece perder o traço 'pessoal', passando a assumir um traço 'reflexivo' geral. (V. Castilho 1997 a, p. 37). Esse parece ser também o caso da forma verbal *feito*, equivalente ao nexos comparativo *como* em 'feito um despeito de eu não ter como lutar', no conhecido verso da canção *Gente Humilde*, de Garoto, Chico Buarque e Vinícius de Moraes. E é ainda o caso da forma *que nem*, transformada em nexos comparativo em frases como 'feio que nem o diabo' e que derivaria de uma estrutura consecutiva: ele é (tão) feio que nem o diabo (é tanto)⁹. Ainda sobre processos de gramaticalização, em outro artigo, Castilho (1997 b, p. 107 s.) examina o nexos português *mas* na língua falada, concluindo que o item apresenta duas faces, uma textual-interativa, em que ele preserva os valores do advérbio de inclusão que lhe deu origem, e uma face sintática, resultante da gramaticalização, em que *mas* adquire valor contrajuntivo.

Castilho (1997 a, p. 31 s.) distingue *estágios* (os que vimos acima) de *princípios* de gramaticalização. Na exposição dos *princípios*, o autor enumera generalizações elaboradas por diferentes autores, como Lehmann e Hopper, e a partir daí formula quatro princípios que podem dar conta dos estágios de gramaticalização: (i) a **analogia**, uma aproximação de formas no eixo paradigmático, na qual algumas regras são estendidas (são bem conhecidos os exemplos de formas verbais que as crianças constroem por analogia, tais como *di* e *fazi* e o uso de formas verbais equivocadas, mesmo por parte de adultos, do tipo 'quando ele *pôr* os livros lá', em que a similaridade entre futuro do subjuntivo e infinitivo, observada nos verbos regulares, se estende também aos irregulares); (ii) a **reanálise**, um processo segundo o qual os falantes, com base num raciocínio abduutivo, modificam sua percepção de como os constituintes estão ordenados no eixo sintagmático, ocasionando um novo "corte" na estrutura (a percepção que uma criança teve da palavra *umbigo* fica evidente quando ela perguntou à mãe se uma pessoa podia ter *dois bigos*; e esse deve ter sido o processo de percepção de inúmeras palavras árabes que entraram para o português e para o espanhol, nas quais o artigo árabe ficou ligado à palavra portuguesa ou espanhola (e.g. *algodão*, *algodón*), conforme se pode verificar em muitos autores, por exemplo Teyssier (1997, p. 23); (iii) **continuidade e gradualismo**, em que a primeira se articula como continuidade da inovação da língua, e o segundo como um atributo da mudança linguística que, apesar de contínua, é gradual; e finalmente, (iv) **unidirecionalidade**, princípio segundo o qual a gramaticalização movimenta-se em uma só direção, sendo um processo irreversível.

Vale a pena retomar dois dos princípios acima, o de reanálise e o de analogia, que Traugott e Hopper (1993, p. 32 s.) chamam de mecanismos. Dizem estes autores:

Reanalysis modifies underlying representations, either semantic, syntactic, or morphological, and brings about rule change. Analogy, strictly speaking, modifies surface manifestations and in itself does not effect rule change, although it does effect rule spread within the linguistic system itself or within the community. Unquestionably,

⁹ Com exceção do exemplo, que é popular, devo ao saudoso Professor Celso Pedro Luft a menção da passagem da construção consecutiva para a comparativa, segundo lembro tê-lo ouvido em aula, em 1981.

reanalysis is the most important mechanism for grammaticalization, as for all change (Hopper; Traugott, 1993, p. 32)¹⁰

Os autores analisam a seguir um tipo de reanálise, a fusão, vista como o surgimento de duas ou mais formas através de limites lexicais ou morfológicos (*rebracketing*). Afirmam que a reanálise é resultante da abdução, um processo de raciocínio em que se observa uma conclusão, invoca-se uma lei geral e infere-se que alguma coisa se encaixe aí, ou que tal seja o caso. Apontam, entre seus exemplos de reanálise, o do futuro românico, em que outra leitura de *cantare habeo* acabou determinando o futuro das línguas românicas com o verbo *habere*, como no francês *chanterai*, ou no conhecido exemplo do português *cantarei* < *cantar hei*.

O item em processo de gramaticalização perde propriedades (semânticas, morfossintáticas, fonéticas), mas também ganha as propriedades características de seus novos usos contextuais. A gramaticalização requer contextos específicos de ocorrência, e são os contextos que nos permitem reinterpretar o item (cf. Heine e Kuteva, 2002, p. 2). O que torna a gramaticalização um processo distinto dos outros processos de mudança é a coexistência de formas: verbos auxiliares, por exemplo, ainda mantêm seus antigos usos.

Givón (1979, p. 208-209) fala do caráter cíclico da gramaticalização, do Discurso até Zero, Zero marcando o início de um novo ciclo. Tal concepção decorre da característica da maior parte dos processos de gramaticalização, a saber, há um item lexical que passa por todas as etapas, torna-se gramatical, progressivamente vai perdendo substância semântica e fonética, até chegar a zero.

Heine e Kuteva (2002, p. 5) assinalam que gramaticalização é um assunto complexo, relacionado à linguística sincrônica e diacrônica, e também à semântica, à sintaxe e à morfologia, ligando-se também à cognição e à pragmática. Todos esses campos, e mais a fonologia, estão na verdade envolvidos sempre que se fala em mudança, ou simplesmente em variação. Os autores assinalam (p. 9) que a gramaticalização não ocorre no vácuo, e outras forças modelam a evolução das formas gramaticais, sendo uma delas o contato linguístico. Não se pode definir em que proporção elementos internos e externos atuam num dado desenvolvimento.

Veremos em seguida alterações fonético-fonológicas nos dois verbos originados de *plicare*.

4. Alterações na forma da palavra: metaplasmos ocorridos

É possível acompanhar os processos fonológicos envolvidos na evolução de *plicare* para *chegar*.

Inicialmente, na nossa análise¹¹, palataliza-se o encontro consonantal *pl* inicial, que se transforma numa fricativa chiante palatal, representada em português pelo dígrafo *ch*. Esse foi um fenômeno ocorrido também com *pluvia* > *chuva*, *plaga* > *chaga*, *plumbeum* > *chumbo*, *plorare* > *chorar*, etc.

¹⁰“A reanálise modifica representações subjacentes, sejam de ordem semântica, sintática ou morfológica, e efetua mudança de regra. A analogia, em sentido estrito, modifica manifestações de superfície e, em si mesma, não realiza mudança de regra, embora efetue difusão de regra, tanto no sistema linguístico em si como na comunidade. Inquestionavelmente, a reanálise é o mecanismo mais importante para a gramaticalização, bem como para toda mudança.”

¹¹ Não é possível dizer a ordem exata em que as transformações ocorreram. A presente análise segue a ordenação dos fenômenos ocorridos dentro da palavra, a partir da posição inicial.

O *i* breve latino (ĩ) torna-se *e* (fechado), como ocorreu com *citu* > *cedo*, *pira* > *pera*.

A oclusiva velar no meio da palavra torna-se vozeada (como em *acutu* > *agudo*).

A terminação verbal latina sofre apócope, passando o infinitivo a terminar em *-r*.¹²

E assim temos *plicare* > *chegar*. Como é muito difícil determinar cronologicamente qual processo ocorreu antes, pode-se destacar a sequência de eventos: *plicare* > *plecare* > *plegare* > *plegar* > *chegar*.

Tudo isso serve para mostrar que o verbo entrou para a língua portuguesa em época muito antiga, “pelo ouvido”¹³, quando ainda se alterava muito o chamado latim vulgar na Península Ibérica, desencadeando o falar romance que acabaria por formar a língua portuguesa.

Também é possível verificar os metaplasmos que culminaram com a forma *pregar*.

De *plicare* para *pregar* verificam-se dois dos metaplasmos mencionados acima: o *i* breve latino muda para *e*, e a oclusiva velar medial passa de desvozeada a vozeada. O encontro consonantal inicial passa por um processo diferente: rotacismo da líquida, que, portanto, de lateral passa a vibrante. De resto, é o mesmo processo que ocorreu de *plaga* para *praia*, de *planu* para *prão* (depois *porão*, por anaptixe), de *platea* para *praça*, e também de *blanc* para *branco*, de *ecclesia* para *igreja*, de *clavu* para *cravo*, de *fluxu* para *frouxo*.

5. Significados

Os estudos dos significados de *chegar* ainda estão em fase inicial, portanto esta seção apresentará apenas alguns pontos de interesse que nortearão a pesquisa.

A partir do significado inicial, que pode ser expresso num primeiro momento como ‘atingir determinado ponto’, sendo esse ponto um lugar físico no espaço, e no tempo¹⁴, o verbo *chegar* desenvolveu muitos outros, verificáveis pela observação direta e pela consulta a dicionários: *chegou a(o ponto de) chorar*, *chegou ao século XIII*, *foi chegando*, *cinco reais chega?*, *chegou à loucura*, *está chegando a hora*, *chega de sofrer*.¹⁵

Em análises semântico-sintáticas, vários estudiosos sistematizaram a rede de significações que o verbo *chegar* assume.

Mateus et al. (2003, p. 196) configuram o verbo como de ação dinâmica, pressupondo mudança de estado, compatível com imperativo e podendo responder à pergunta “o que aconteceu?”. Fortunato (2009, p. 49) assinala seis áreas relacionais de significação desenvolvidas por esse verbo: lugar abstrato, tempo, cognição, emotividade, relações e padrões sociais. Nida (1975) coloca *chegar* (na verdade, o verbo inglês *arrive*) como um verbo de movimento intermediário: nem o sentido geral (*move*), nem os sentidos específicos (*walk*, *run*, *skip*, *jump*, etc.).

¹² Sobre metaplasmos, veja-se Lausberg (1974); Boyd-Bowman (2010[1980]), Silva Neto (1977, 1979), Ali (2001, 2006), Nunes (1975), entre outros.

¹³ A expressão é empregada por Coutinho (1971), entre outros.

¹⁴ Cunha (1991) fala em espaço e tempo com referência ao significado inicial de *chegar*, no verbete correspondente.

¹⁵ Na verdade, até adquiriu sentido fora da esfera verbal, passando a adjetivo: *Ela estava usando um vestido muito ‘cheguei’*. Mas esta investigação se restringirá à análise dos significados verbais.

Talmy (2000, cap. 7) apresenta o interessante conceito de dinâmica da força (*force dynamics*) na linguagem, inclusive na estrutura gramatical em si. Essa dinâmica permitiria definir ações, visto que insere na análise semântica dessas ações a ideia de ‘deixar acontecer’ (*letting*) ao lado da noção de ‘causar’ (*causing*). Parece promissora a análise de *chegar* dentro dessa perspectiva, dado que o significado do verbo parece ir além da ação humana em si, da volição: *Cheguei lá às sete horas* pode indicar que houve esforço para isso, mas também pode indicar que houve outros aspectos interferentes, tais como o trânsito, obstáculos, atraso ou adiantamento de meios de transporte, etc. Em outras palavras, pode-se aventar a hipótese da ausência de agentividade¹⁶ com relação ao sujeito de *chegar*, que pode pretender atingir determinado ponto, mas pode se deparar com elementos intervenientes. Ou seja, estaria guardado um sentido original do verbo: os marinheiros dobram as velas, mas é a força do vento, ou da inércia, ou dos remadores, que faz o navio atracar. Há um intervalo entre a ação humana e o objetivo. Há uma trajetória¹⁷.

O que nos remete a outro trabalho de Talmy (1985, p. 59), em que a noção de trajetória (*path*) permite um intervalo em que outras forças podem intervir, e a intencionalidade pode ficar comprometida. Para Fortunato (2009, p. 45), no verbo *chegar*, a trajetória “é deixada de lado e o foco está na meta, esteja ela presente ou não no enunciado”.

Uma noção igualmente útil na análise do verbo é a estrutura conceptual lexical (ou LCS, suas iniciais em inglês), tal como Levin e Rappaport-Hovav (2008) apresentam: uma representação lexical estruturada do significado verbal. Aplicando modelos em que os predicados ajudam a definir significados verbais, as autoras chegam à conclusão de que

LCSs are a form of predicate decomposition intended to capture those facets of verb meaning which determine grammatical behavior, particularly in the realm of argument realization.¹⁸ (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2008, p. 16)

Ou, em outras palavras, é preciso levar em conta as facetas do significado verbal que determinam o comportamento gramatical desse verbo, especialmente quanto à realização argumental. A sintaxe e a semântica do verbo ficam, assim, intrinsecamente ligadas, não como elementos sincréticos, mas como partes de uma análise que interagem para que se chegue a um construto da significação verbal:

Research on LCSs and the structure representations that are their descendants has contributed to our understanding of the nature of verb meaning and the relation between verb syntax and semantics.¹⁹ (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2008, p. 16)

As autoras (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2008) mostram como são importantes as representações semânticas e a estrutura do evento de fala em si para determinar o comportamento gramatical dos verbos. Assinalam ainda que, para alguns

¹⁶ Uso o termo *agentividade* no mesmo sentido dado por Yamamoto (2006) ao termo *agency*.

¹⁷ Sobre verbos de trajetória, veja-se Menezes (2005).

¹⁸ “As LCSs constituem uma forma de decomposição de predicados que pretende capturar as facetas do significado verbal que determinam o comportamento gramatical, particularmente no domínio da realização de argumentos.”

¹⁹ “A investigação sobre as LCSs e as representações estruturais que descendem delas tem contribuído para nossa compreensão da natureza do significado verbal e a relação entre sintaxe e semântica do verbo.”

pesquisadores, as representações do significado dos verbos deveriam ser sintaticamente configuradas.

Nisso estão de acordo com Godoy (2008) que, fundamentando-se em Cançado (2005), reconhece diferenças entre as noções de componente e argumento, mas vê interligação entre os componentes sintático e semântico, como não poderia deixar de ser:

É importante observar que, para Cançado (2005b) (em conformidade com JACKENDOFF, 1990; CHIERCHIA, 1989; FRANCHI;CANÇADO, 2003), a sintaxe e a semântica são módulos (ou componentes) lingüísticos independentemente estruturados, possuindo primitivos e regras próprios e sendo interligados por regras de projeção. (GODOY, 2008, p. 66)

E a autora continua:

Na sua perspectiva, portanto, deve-se diferenciar argumentos de complementos. Os primeiros são noções pertencentes ao componente semântico e os segundos são realizações sintáticas. Um verbo pode predicar de até quatro argumentos lógicos, no componente semântico. É o caso do verbo *vender*, que acarreta um argumento Fonte, um Tema, um Alvo e um Valor, (...). No entanto, no componente sintático, apenas um desses argumentos é projetado como complemento – isto é, como objeto direto, nos termos tradicionais; os demais argumentos são adjuntos, marcados com preposição. (GODOY, 2008, p. 66)

Godoy (2008), portanto, refletindo sobre o pensamento de Cançado (2005), faz-nos divisar uma rica possibilidade de análise, contemplando os dois componentes – semântico e sintático – desde que se mantenham critérios de análise pertinentes a cada um.

O verbo *pregar*, de significado preciso e uso específico, desenvolveu menos significados que o verbo *chegar*. Há uma rede de sentidos em torno da ideia de ‘unir’, ‘fixar’ e uma em torno da ideia de ‘bater, dar com força’. A partir desta última, provavelmente, desenvolveu-se um sentido metafórico de ‘cansar-se’, observável na expressão popular *Estou pregado*.

6. Considerações nem um pouco finais

Não há dúvida quanto ao fato de os dois verbos terem sofrido diferentes processos de gramaticalização. Provavelmente entraram na língua em momentos diferentes. Cunha (1991) data a primeira ocorrência dos dois no século XIII, referindo-se, contudo, a registros escritos. A mudança mais radical de *chegar* quase nos autoriza a considerá-lo mais antigo que *pregar*.

Chegar desenvolveu mais significados a partir do original. Podemos chegar a um lugar físico (*cheguei a Porto Alegre*), a um lugar abstrato (*cheguei ao desespero*), a um lugar virtual (*cheguei ao capítulo nove*), a uma ação (*cheguei a correr*), a um estado (*cheguei à miséria*), a um grau (*cheguei a doutor*) e a tantos outros pontos que os estudiosos acima mencionados apontaram. Observe-se, nos exemplos aqui apontados, o uso da preposição *a*, que no português não padrão é substituída por *em*. Também podemos concluir alguma trajetória física (*cheguei de São Paulo*) ou virtual (*chega de*

nota baixa, agora vou estudar), ou podemos dar fim a um estado (*chega de sofrer*) ou ação (*chega de trabalhar por hoje*). Neste segundo grupo de exemplos, nota-se o emprego da preposição *de*. Também pode chegar um tempo (*está chegando a hora, a hora dele chegou*), um ser (*chegou um primo*), um estado de coisas (*chegou a estação das chuvas*). E há muitos significados regionais (*foi chegando*, no sentido de ‘foi-se aproximando’, *vou chegando*, no sentido de ‘vou embora’, *ele é muito chegando*, no sentido de ser muito próximo, *ele é chegando numa cachaça*, no sentido de gostar muito, etc.). Os diferentes significados coexistem e verificam-se diferentes configurações sintáticas. Anunciam-se ainda diferenças mais sutis, como a da ergatividade, conforme alguns dos autores acima mencionados assinalam.

Pregar parece não ter-se afastado muito do significado original latino (‘cravar’) e tem emprego bem específico (*pregar um quadro na parede, pregar com força, pregar os quatro lados da caixa*). Desenvolveu-se, é verdade, ao menos um sentido metafórico: cansar-se muito (*estou pregado*).

Embora a precariedade das presentes considerações sobre significados apontem para a grande necessidade de novas pesquisas, uma conclusão já é indubitável, a dos diferentes processos de gramaticalização. Retornando aos estágios mencionados por Castilho (1997 a), reconhecemos em *chegar* a sintaticização, pois o verbo assume novas configurações sintáticas ao admitir novas preposições em seus diferentes significados. Vemos também profundas alterações fonológicas, e ainda alterações semânticas. O mesmo ocorre com *pregar*, que sofre alterações fonológicas e semânticas.

Quanto aos princípios mencionados por Castilho (1997 a), verifica-se a presença da analogia nos novos significados desenvolvidos nos dois verbos; e os diferentes recortes de significação apontam para uma reanálise, se assim se pode dizer, no significado básico de *chegar* (a partir da chegada a um lugar físico, construiu-se um novo sentido para lugar abstrato, virtual, etc.) e de *pregar* (a partir de ‘bater com força’, desenvolveu-se um sentido metafórico do tipo ‘o trabalho bateu em mim’, e em decorrência disso, *estou pregado*). Não há dúvida também da ocorrência de continuidade e gradualismo, já que são princípios inerentes à mudança linguística em geral. Quanto ao princípio da unidirecionalidade, não há como confirmá-lo, por enquanto.

Referências

- ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: UNB, 2001 [1921].
- ALI, M. Said. *Investigações filológicas*. 3.ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BOYD-BOWMAN, Peter. *From Latin to Romance in sound charts*. Washington, DC : Georgetown University Press, 2010 [1980].
- CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- CASTILHO, Ataliba T. de. A Gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários* n.º 19, nov. 1997 – pp. 25-44. Salvador: Universidade da Bahia, 1997 a.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Língua falada e gramaticalização. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 1, pp. 107-120, 1997. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997 b.
- FAGGION, Carmen Maria. *A indeterminação em português: uma perspectiva diacrônico-funcional*. Porto Alegre: UFRGS, 2008 (tese de doutorado).

- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 5. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.
- FORTUNATO, Isabella Venceslau. Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte. Domínios de Linguagem, Revista Eletrônica de Linguística. Acesso: www.dominiosdelinguagem.org.br. Ano 3, n. 1, 1º semestre de 2009.
- GODOY, Luisa. Preposições e os verbos transitivos indiretos: interface sintaxe – semântica lexical. Revista da ABRALIN, v. 7, n. 1, p. 49-68, jan./jun. 2008.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LAUSBERG, Heinrich (1974). *Linguística românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LEVIN, Beth; RAPPAPORT-HOVAV, Malka. *Lexical conceptual structure*. Jerusalem: The Hebrew University, jan. 2008.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 2000.
- MATEUS, Maria Helena M. *et alii. Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.
- MENEZES, Rosimeire Corrêa de. *Verbos de trajetória: uma análise sintático-semântica*. Belo Horizonte: UFMG, 2005 (Dissertação de Mestrado).
- NIDA, Eugene. *Componential analysis of meaning*. The Hague/Paris: Mouton, 1975.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica*. Lisboa: Clássica, 1975 [1906].
- OTHERO, Gabriel de Ávila. *A gramática da frase em português: algumas reflexões para a formalização da estrutura frasal em português*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2009. Acesso: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>
- RAPOSO, Eduardo. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10. ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.
- SILVA Neto, Serafim da. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro : Presença; Brasília: INL, 1979.
- TALMY, Leonard. Force dynamics in language and cognition. In: TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics – vol. 1*. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- YAMAMOTO, Mutsumi. *Agency and impersonality: their linguistic and cultural manifestations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.